

Púlpito

Os púlpitos nas igrejas são um pouco como as cruzes, mais ou menos elaborados, há-os para todos os gostos. Alguns são verdadeiras obras de arte como os que encontramos nas Catedrais antigas. Outros porém, são simples, ou mesmo de design ultrapassado, a precisar de ser reformados. Independentemente da sua forma, dos materiais que os compõem ou até do seu posicionamento nos santuários/auditórios, nuns casos colocados mais à esquerda, noutros mais à direita ou até mesmos ao centro, devem ser vistos como peças de mobiliário, cujo objectivo primário é servir de plataforma para a exposição das Escrituras. Não se trata de objectos sagrados, devendo ser, no entanto, e à semelhança de outro mobiliário consagrados ao serviço de Deus. Pessoalmente creio que mais importante do que considerar o púlpito na sua vertente estética é fundamental considerá-lo do ponto de vista ético. E nesse sentido, gostaria de partilhar o que penso que deve e não deve ser o púlpito.

Não deve ser um lugar de promoção pessoal

Os pregadores da igreja primitiva pregavam a Cristo e este crucificado. A centralidade da sua mensagem era Cristo e não eles próprios. A glória da cruz deveria sobressair sobre tudo o mais (Gálatas 6:12-15). A agenda ou os atributos pessoais dos pregadores são irrelevantes num lugar como este. Importa que Ele cresça e nós diminuamos.

Não deve ser um lugar de entretenimento

Um pregador do evangelho não é um *entertainer*, alguém que dispõe bem os seus ouvintes com algumas histórias humorísticas. O local de culto não é uma sala de *stand-up comedy*. Deus nos livre de “precisarmos” de nos tornar engraçados, mas destituídos de real graça, numa tentativa de nos fazermos ouvir (Actos 8:9-11). Isto não significa, contudo, que tenhamos que estar diante da congregação quais “múmias”, ou que não haja momentos de algum humor.

Não deve ser um lugar de arremesso

Usar o púlpito para atacar pessoas, denegrir a sua imagem, humilhá-las é desadequado. O púlpito não é um lugar de expor a vida de outrem nem deve ser usado para enviar recados a alguém. O alvo do pregador não é atacar pessoas (III João 9-10), mas dirigir o seu ataque contra o erro, evidenciando virtudes como a simplicidade e a pureza “que há em Cristo” (II Coríntios 11:3).

Não deve ser um lugar de oratória

Quando Paulo escreve a sua Primeira Carta aos Coríntios, lembra-os de que não se apresentou diante deles com um discurso altamente elaborado, persuasivo em sabedoria e no conhecimento humano, salpicado aqui e ali com algumas verdades bíblicas “mas em demonstração do Espírito e de poder” (I Coríntios 2:1-5). Nós não precisamos de púlpitos cheios de eloquência, mas vazios do poder de Deus.

Deve ser, por excelência

- Um lugar onde todo o conselho de Deus é anunciado com clareza e firmeza (Neemias 8:8; Actos 20:20, 25-27), de modo a ter aplicação prática na vida dos ouvintes, trazendo desafio, motivação, consolação e encorajamento, se necessário arrependimento (II Timóteo 3:16-17;4:2).

- Um lugar onde acontece a passagem de testemunho às gerações seguintes, uma actividade espiritual contínua, como Paulo faz questão de lembrar a Timóteo (II Timóteo 2:2).

Quando usado correctamente o púlpito pode e deve ser um lugar de bênção e edificação, mesmo quando for necessário corrigir, mas se imperar a falta de rigor espiritual pode tornar-se num lugar de perversão do evangelho de Cristo (Gálatas 1:6-10). Os discursos facilitistas, que tendem a relativizar questões morais e doutrinárias, podendo induzir os ouvintes a baixar a guarda no que respeita aos padrões absolutos da verdade do evangelho são um sinal dos tempos (II Timóteo 4:3-4). O pregador não está ali para falar do que agrada aos seus ouvintes, mas para falar “o que é recto” (Isaías 30:10).

Abel Tomé